

ARQUITETURA MODERNA E ESPAÇOS MODELARES PARA AS PRÁTICAS ESPORTIVAS EM AMBIENTE ESCOLAR: o exemplo do Colégio Estadual do Paraná (Curitiba, 1943-1950)

Marcus Levy Bencostta*

Ana Paula Pupo Correia**

Resumo

O presente artigo é uma análise da linguagem arquitetural na construção de espaços modelares à educação da prática esportiva. O exemplo que utilizaremos é o da morfologia do Colégio Estadual do Paraná na época de inauguração de seu novo prédio, em 1950. Dentre os destaques de sua sintaxe arquitetural chamam atenção os espaços destinados às práticas esportivas, representados aqui por seu complexo esportivo composto por ginásio coberto, campo de futebol, pista de atletismo olímpica, canchas de vôlei e de basquete, caixas de salto em distância e salto com vara, piscinas, vestiários para ambos os sexos e arquibancadas para o público em geral. Para a análise dessa linguagem utilizamos fontes localizadas em diversos arquivos públicos e particulares, tais como fotografias, plantas arquitetônicas, desenhos, legislação e os discursos da grande imprensa. A riqueza desse repertório de documentos nos instigou a propor interpretações acerca da conjugação de uma gramática espacial escolar sintonizada com a linguagem proposta pela arquitetura moderna da segunda metade do século XX.

Palavras-chave: História da Educação. Arquitetura Escolar. Cultura Material Escolar.

Porque nos interessou como autores pesquisar a arquitetura moderna escolar pelo olhar da história?

Por um lado, torna-se difícil responder esta questão se não reconhecêssemos a importância da arquitetura na cena cultural material, fundamental para entendermos a história da instituição escolar. Por outro, distinguimos a arquitetura escolar como patrimônio cultural e educacional possuidor de informações que, quando devidamente problematizadas pelo crivo da pesquisa histórica, resulta em explicações sobre o cotidiano escolar das experiências sensíveis, visuais e espaciais dos sujeitos que nela “viveram”. Ajuda-nos também a refletir

* Professor Associado da Universidade Federal do Paraná, onde atua como docente da Linha de História e Historiografia da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação. É coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Arquitetura Escolar (NEPHArqE) e bolsista produtividade em pesquisa do CNPq. Email: marcus@ufpr.br

** Arquiteta e Doutoranda da Linha de História e Historiografia da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Arquitetura Escolar (NEPHArqE). Email: anapupo@suoerig.com.br

essa questão o ensaio de Walter Benjamin, *A Obra de Arte na Época de suas Técnicas de Reprodução*, que sugere duas maneiras de acolher a arquitetura de um edifício: utilizando-a ou observando-a. Aceitamos a segunda instigação de Benjamin, que ressalta a contemplação visual como única se comparada ao proveito tátil daqueles que utilizam o edifício. (BENJAMIN, 1980).

Como não é nosso objetivo apresentar uma comunicação exaustiva que cubra a totalidade das questões acerca do tema da arquitetura escolar moderna, achamos interessante apresentar alguns traços teóricos explicativos dessa linguagem que tem nos ajudado a compreender sua contribuição para os estudos de sua funcionalidade.

Ao pensar a arquitetura moderna não há como descolá-la das transformações que a própria sociedade ocidental determinou e produziu para si ao longo dos últimos séculos. Muitas delas, tomadas como vertentes de um tempo e de uma visão de mundo, não poderiam ser aqui discutidas, pois somente ajudariam a desviar nossas atenções e fatigar a leitura. Mesmo porque pontuar uma origem do que seria uma arquitetura moderna é algo extremamente delicado frente às brechas que os estudos sobre os modernismos oferecem. Peter Gay, ao discutir o papel da arquitetura no seu mais recente estudo sobre o modernismo, apresenta-nos uma lista respeitável de arquitetos a quem denominou de modernistas, por terem tido a capacidade de inovar de modo pioneiro o cenário arquitetônico do século XX. Dentre eles estão Frank Lloyd Wright, Walter Gropius, Adolf Loos, Ludwig Mies van der Rohe, Le Corbusier e Louis Kahn. Apesar de não comentar a obra do prodigioso Oscar Niemayer, faz *mea culpa* e reconhece que seria impensável reunir em um único volume a enorme quantidade de material disponível, o que o fez levar a tomar a decisão de buscar traços comuns de alguns arquitetos e suas condições que lhes foram propícias ou adversas. Para ele, os “modernistas marchavam sob muitas bandeiras, com ideais que por vezes eram incompatíveis entre si”. (GAY, 2009:325)

Em um contexto de reflexão, rupturas e mudança de conceitos, foi indispensável a contribuição dos CIAM (*Congrès Internationaux d’Architecture Moderne*)¹ que, entre as décadas de 1920 e 1950, resignificavam a cada um de seus encontros aspectos de uma linguagem que propunha modificações na gramática arquitetural moderna. Uma dessas tendências modernistas trazia em seu bojo uma nova monumentalidade que privilegiava, em

¹ A instituição dos CIAM, Congrès Internationaux d’Architecture Moderne, foi o princípio de um diálogo acadêmico internacional sobre a arquitetura da época (KHAN, 2009:34). O propósito dos CIAM era garantir o direito de existência à arquitetura contemporânea contra as forças antagônicas oficiais, que controlavam os principais empreendimentos construtivos (GIDEON, 2004:719). O primeiro congresso foi realizado em 1928, e o último na ex-Iugoslávia, em 1956. Cf. MUMFORD (2000).

certos aspectos, representações simbólicas de prestígio na concepção de seus desenhos e no uso de materiais de construção inovadores e duradouros, como o ferro e o concreto armado. Esta nova morfologia rejeitava os princípios defendidos pelos estilos históricos e seus ornamentos superficiais para adotarem formas limpas e funcionais. Segundo Sérgio Rouanet, esta foi uma negação explícita do ecletismo do final do século XIX, com suas fachadas neoclássicas baseadas na mera aparência (ROUANET, 1989).

A preocupação dos arquitetos modernos europeus com a tragédia urbanística, fruto do palco bélico da II Guerra, os fez aproximar-se de discursos e projetos voltados para questões sociais decorrentes da catástrofe. Não é por acaso que dentre os grandes que frequentaram os CIAMs, vários se engajaram em projetos urbanísticos para solucionar os problemas habitacionais. Apesar de a arquitetura moderna imbuir-se de características variadas e singulares, ela se desenvolveu em todo o mundo seguindo princípios singulares, como aqueles apontados por Giulio Argan:

- 1) A prioridade do planejamento urbano sobre o projeto arquitetônico;
- 2) O máximo de economia na utilização do solo e na construção, a fim de poder resolver, mesmo que no nível de um “mínimo de existência”, o problema da moradia;
- 3) A rigorosa racionalidade das formas arquitetônicas, entendidas como deduções lógicas (efeitos) a partir de exigências objetivas (causas);
- 4) O recurso sistemático à tecnologia industrial, à padronização, à pré-fabricação em série, isto é, a progressiva industrialização da produção de todo tipo de objetos relativos à vida cotidiana (desenho industrial);
- 5) A concepção de arquitetura e da produção industrial qualificadas como fatores condicionantes do progresso social e da educação democrática da comunidade.²

Para esse autor, os dois líderes da renovação da arquitetura moderna europeia foram o suíço Le Corbusier e o alemão Walter Gropius, sem desmerecer a contribuição dos estadunidenses e latinos, como Wright e Niemayer, para o continente americano. Apesar de reformistas e defenderem teses em comum, ambos advogam racionalismos singulares que solucionam problemas de modo opostos, visto que Le Corbusier apropria-se de uma racionalidade de grandes planos, enquanto Gropius defende a racionalidade como uma arte inteiramente técnica que o leva a encontrar explicação para os problemas contínuos da existência.

² ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna: Do Iluminismo aos movimentos contemporâneos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 264

Le Corbusier lança proclamações, publica manifestos, organiza turnês de propaganda no mundo inteiro, espalha em todo lugar que “il existe un esprit nouveau” [existe um espírito novo]; Gropius se fecha em sua escola, transforma sua teoria em uma didática precisa, sua lógica numa técnica, talvez se pergunte se ainda existe um “esprit”.³

O princípio que deveria reger as arquiteturas modernas escolares não deixou de acompanhar de perto as preocupações que os arquitetos modernos já tinham. É certo que não havia como fugir da maleabilidade de estilos espalhados pelo mundo, entretanto procurava-se respeitar as regularidades nas proporções volumétricas que cumpriam a função de harmonizar os diferentes componentes que moldavam os volumes do edifício escolar moderno, como por exemplo, a combinação de elementos horizontais ligados por uma relação de pertinência funcional que deixava de lado os ornamentos da arquitetura neo-clássica do Oitocentos.

Feita esta primeira e curta reflexão, uma segunda questão que gostaríamos de lançar é: como podemos perceber nos espaços modelares para exercícios esportivos o diálogo que a gramática da arquitetura moderna estabelece com as práticas pedagógicas? Para tentar responder essa questão convidamos o leitor a utilizar nossas lentes para uma contemplação visual – como sugere Benjamin, mas também explicativa do ponto de vista histórico, como requer nosso ofício – do nosso objeto de análise, que é um dos principais exemplares da arquitetura moderna da cidade de Curitiba: o Colégio Estadual do Paraná.⁴

Para fazer valer nosso convite, utilizaremos uma série de fotografias dos espaços e da arquitetura escolar deste edifício enquanto representação de objetos de uma cultura material que nos permite entender parte da memória dessa instituição, e que traz consigo fragmentos que nos informam sobre sua cultura escolar justaposta pelos arranjos espaciais e pelas práticas escolares. Contudo, mesmo considerando que as fotografias utilizadas nesse manuscrito estejam carregadas de sentido, a compreensão de sua representação somente será possível caso as informações resultantes da sua análise estiverem relacionadas ao contexto histórico no qual foram produzidas. Assim, adentremos nessa história...

³ ARGAN, Giulio Carlo. *A Arte Moderna na Europa: de Hogarth a Picasso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 613.

⁴ Recentemente os professores Marcus Taborda e Sérgio Chaves publicaram interessante artigo que contempla diversas prescrições para a Educação Física escolar entre as décadas de 1940-1970, tendo como um de seus objetos o Colégio Estadual do Paraná. Cf. OLIVEIRA; CHAVES JÚNIOR (2009).

Uma história de um edifício moderno

O Colégio Estadual do Paraná possui uma trajetória longa na História da Educação no Paraná. Foi criado em 1846 como Lycêo de Curitiba, quando a instituição funcionava numa sede alugada, localizada na Praça Tiradentes, região central de Curitiba. Em 1854, foi inaugurada a primeira sede própria na Rua Dr. Muricy. Como o prédio tornara-se pequeno e inadequado devido ao aumento do número de alunos, foi especialmente projetada e construída uma nova sede na Rua Borges de Macedo, atual Rua Ébano Pereira, no centro da capital. O prédio, onde hoje funciona a Secretaria de Estado da Cultura, a partir de 1904 passou a sediar o Ginásio Paranaense e a Escola Normal. Mediante o Decreto n.º 11.232, de 6 de janeiro de 1943, a instituição é definitivamente autorizada a se chamar Colégio Estadual do Paraná⁵.

Após várias mudanças, ocorridas num período de quase cem anos, a mais complexa delas foi a construção de um novo prédio para abrigar o Colégio Estadual do Paraná, iniciada durante a administração do interventor Manoel Ribas, no ano de 1943, e finalizada na década de 1950, no governo de Bento Munhoz da Rocha Neto.

Após várias procuras, o terreno escolhido localizava-se na Avenida João Gualberto, ao lado do Passeio Público, importante parque da cidade, com área aproximada de 43.000 m². O terreno foi, então, desapropriado, através do Decreto n.º 1.983, de 31 de março de 1944, dando início ao tão sonhado projeto de modernização da arquitetura escolar no Paraná.

Este projeto fazia parte do programa de governo, o qual integrou um dos planos de obras mais importantes executados na gestão do governador Moysés Lupion. Em mensagem apresentada à Assembléia Legislativa, destacava o desenvolvimento dos serviços públicos no estado, que segundo Lupion “[era o] de colocar e manter à altura das exigências de nosso desenvolvimento geral” (PARANÁ, 1949, p. 139). Assim Lupion solicitava especial atenção às obras do colégio:

...queremos dar, a seguir, uma minuciosa relação de tais obras (referindo-se ao Colégio Estadual do Paraná), para que bem avalie da disposição com que estamos enfrentando esse sério problema dos nossos serviços públicos funcionando em prédios inadequados e muitas vezes até emprestados ... (PARANÁ, 1949, p. 139)

⁵ Conforme determinação da Lei Orgânica de Ensino Secundário, a instituição recebeu finalmente o nome de Colégio Estadual do Paraná. De acordo com a lei, as instituições de ensino secundário que ministravam apenas o 1º ciclo receberiam a denominação de Ginásio e aquelas que ministravam os dois ciclos do curso secundário, passariam a ser denominados de Colégio. O novo Decreto n.º 11.914, de 17 de março de 1943, autorizou: (PARANÁ, 1943b)

Aberta a concorrência pública para a construção do novo edifício foi vencedora a empresa Companhia Construtora Nacional, com sede em São Paulo, que apresentou um projeto para o imenso terreno. As obras da nova sede iniciaram-se em 1944 e a inauguração do prédio, considerado hoje Patrimônio Histórico do Estado, deu-se somente seis anos depois de seu início, no dia 29 de março de 1950, devido às dificuldades financeiras e à falta de mão-de-obra qualificada para executar a complexa obra projetada.

Ao todo foram 40 mil m² de área de terreno e 20 mil m² de área construída, sendo o conjunto arquitetônico dividido em: edifício principal, um ginásio, uma piscina olímpica, uma piscina de aprendizagem, um campo de esporte e uma casa do zelador. O prédio central, chamado de edifício principal, previa salas de aula e salas especiais, distribuídas em quatro pavimentos e um subsolo; ao todo a escola contava com 50 salas de aula, salas administrativas, arquivos, salas para laboratórios, salão de projeção para 1.000 lugares, salão nobre para 300 participantes, uma ampla biblioteca, um anfiteatro, depósitos etc.

O modelo arquitetônico da construção compõe-se de formas geométricas simples, adotando o concreto armado como principal elemento estrutural. Pode-se observar (ver figura 01) que com o avanço e influência das ideias modernas da arquitetura, foi adotada na construção dos prédios uma estrutura de concreto armado para pilares, vigas e lajes, além da preocupação com a liberação do térreo através do uso de pilotis – tendência de construção muito usada nas propostas com influências da arquitetura moderna utilizadas no período.



FIGURA 01 – FACHADA DO PRÉDIO PRINCIPAL

FONTE: Acervo de Museu Guido Straube

Ainda sobre a edificação, a fachada do prédio possui formas simples, com a inexistência de ornamentos, utilizando principalmente linhas retas que marcam sobretudo a horizontalidade, o que termina por desenhar claramente o edifício e contribui para evidenciá-lo na paisagem urbana. As janelas têm parapeito alto, rasgado até o teto, alternando com a utilização do concreto armado, possibilitando, com isso, a utilização de vãos maiores. As coberturas em telha de fibrocimento, usadas como proteções das lajes, são escondidas atrás das platibandas. Nas lajes do piso e nas coberturas observa-se também a utilização do concreto armado.

A preocupação com a higiene faz parte também do projeto. Os ambientes próprios para esse fim estavam incluídos nos programas de edificação, dentre os quais citamos: os ambulatórios médicos, os gabinetes dentários, os vestiários masculinos e femininos. No entanto, as inovações desses programas nos prédios não se resumem somente a essas questões, a nova perspectiva da educação também deve ser considerada. Destacamos como inovadoras as salas de leitura, bem como o auditório para atividades culturais. Esses auditórios apresentavam grandes eventos musicais e teatrais para a comunidade. As inclusões desses ambientes nos novos programas da escola indicam uma visão crítica do que se realizava nas construções escolares.

Em discurso de solenidade quando da inauguração do prédio, o Secretário da Educação e da Cultura, o professor Erasmo Pilotto, declarava:

Se esta obra é monumental em seu tamanho, não é, contudo, um luxo em nossa organização, mas a satisfação de uma necessidade. Corresponde a uma solicitação imediata de realidade que é o Paraná de hoje. Estamos praticamente ocupando já toda esta obra que pode parecer monumental, mas não é um luxo em nossa organização, é antes a satisfação de uma necessidade. (*Escola que parece um símbolo*. GAZETA DO POVO, Curitiba, 31 mar. 1950)

Finalmente, tinha-se no Paraná uma obra de que tanto os educadores como os moradores da cidade, ao se deparar com sua imponência, poderiam orgulhar-se. Através das notícias dos jornais da época, o comentário era que a obra representava um marco na sua inauguração. Os jornais curitibanos saudavam o monumento de estilo modernista como “o maior colégio da América do Sul”. A solenidade de inauguração contou com a presença do Presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, realizada no dia 29 de março de 1950, no dia em que a cidade de Curitiba comemorava seu 250º aniversário de fundação. O jornal *O Dia* declarava com entusiasmo:

Não podemos aqui dar senão uma ligeira idéia do que seja esta notável obra. E só mesmo visitando todas as dependências do estabelecimento de ensino que se poderá ter uma visão completa de sua grandiosidade.

Com capacidade para 600 alunos, possui o Colégio 48 salas de aula, construídas dentro dos mais rigorosos requisitos higiênicos e pedagógicos, 48 salas de administração, 21 salas de professores e alunos, 7 gabinetes médico-dentários, dotados do que há de mais moderno em matéria de aparelhos odontológicos, 2 laboratórios de Física e Química, dotados de água corrente, oxigênio e hidrogênio, aparelhos de rarefação de ar, 3 anfiteatros espaçosos, 1 ginásio de esporte, 1 grande salão de festas, biblioteca, piscina de dimensão olímpica, 1 pequena piscina, teatro com lotação para 1050 pessoas, praça de esportes para futebol, voleibol, basquetebol (...) Todos as salas, gabinetes, teatros e salões são dotados de mobiliários finos e artisticamente confeccionadas pela Companhia Industrial de Móveis. (A Companhia Industrial de Móveis mobiliou o Colégio Estadual do Paraná. O DIA, Curitiba, 30 de março, 1950)

Outros jornais locais destacaram a inauguração do colégio e a grandiosidade de sua arquitetura. A imponência do edifício foi somada à história do Colégio Estadual na educação paranaense com ufanismo, ao designá-lo como *portentoso educandário*, como “palácio de ensino, orgulho do Paraná, e até foi chamado de casa fenomenal onde as utilidades da educação estão presentes, para oferecer homens probos, inteligentes se bem formados mental e fisicamente ao Paraná, ao Brasil e ao mundo” (O maior colégio da América do Sul. GAZETA DO POVO, Curitiba, 30 de março, 1950).

A seguir apresentaremos os espaços esportivos e a importância de sua implantação para o período apresentado.

Espaços Educacionais e as Práticas Esportivas

Para SCHWARTZMAN (1984, p. 189), a educação secundária deveria investir, de acordo com o Ministro de Educação Gustavo Capanema, no desenvolvimento de habilidades e na mentalidade de uma educação para os jovens que fariam parte do grande “exército de trabalhadores necessário à utilização da riqueza potencial da nação”. Ainda para o autor, essa educação deveria prestar, antes de tudo, um serviço à nação, “realidade moral, política e econômica” a ser construída e nada melhor do que edificar um espaço que, antes de qualquer coisa, pudesse disciplinar e “treinar” o aluno como um exército. Esse local de “treinamento” foi projetado no Complexo Esportivo do Colégio Estadual do Paraná.

A reforma do ensino secundário de 1942 foi, para SCHWARTZMAN (1984), caracterizada pela intenção de consolidar a escola secundária como principal instituição educacional e, por meio dela, formar novas mentalidades, criar uma cultura nacional comum e

disciplinar as gerações para garantir a continuidade de prática. Esperava-se ainda produzir uma nova elite para o país. Uma elite católica, principalmente masculina, de formação clássica e disciplina militar (SCHWARTZMAN, 1984, p. 202). Uma educação para poucos, e apenas os que conseguissem atingir o “ápice” da educação chegariam à universidade.

A grande área pensada para a prática esportiva ajudou a tornar o Colégio Estadual do Paraná uma referência nas atividades esportivas da cidade e do Estado. Devido à estrutura privilegiada, nas comemorações do centenário da emancipação política do estado (1953)⁶, o Colégio sediou eventos, dentre eles as Olimpíadas do Centenário. A área destinada às práticas de diversas modalidades de esportes possibilitou que o Colégio se tornasse também um referencial nos campeonatos esportivos realizados na cidade e no estado. A foto abaixo apresenta os alunos de diversos municípios do Paraná que participaram das comemorações do centenário.

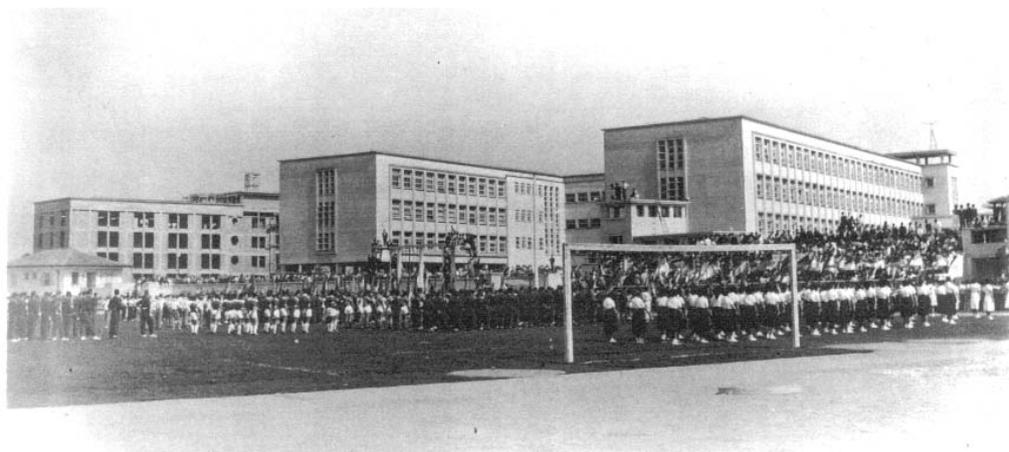


FIGURA 2 – COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DE EMANCIPAÇÃO POLÍTICA DO PARANÁ.

FONTE: Museu Guido Straube – Colégio Estadual do Paraná

As determinações da Divisão de Educação Física (DEF) do Ministério da Educação e Saúde (MES) da década de 1940 defendiam que a “educação física” nos estabelecimentos de ensino secundário teriam a finalidade de transformar o aluno em: “homem de ação, física e

⁶ Vários eventos e construções importantes foram realizados neste período pelos governantes do Estado. A materialização de um espaço de poder fortaleceu Curitiba como capital, pois seus habitantes deveriam se orgulhar da cidade e de seus governantes. Além disso, era importante mostrar ao Brasil e aos brasileiros, quando das comemorações do centenário, em 1953, as principais obras que o Paraná conseguiu realizar após um século de autonomia de São Paulo, tanto na iniciativa particular quanto na governamental. Essas medidas se apoiam, em seu conjunto, na noção de um governo racional, de um governo que se pretendia moderno e democrático, capaz de atrair migrantes e recursos para a cidade.

moralmente sadio” e preparar “a mulher para a sua missão no lar”; com isso este aluno estaria “apto a contribuir eficientemente para a economia e a defesa da nação” (MARINHO, 1944, p. 19). O “Boletim de Educação Física”⁷, publicado em 1941, apresentava os seguintes tópicos, que seriam implantados nos estabelecimentos de ensino secundário:

... a) área livre para Educação Física; b) instalação e material para a prática dos exercícios físicos; c) material para as sessões de desportos; d) gabinete médico-biométrico; e) chuveiros; f) vestiários; g) professor de educação física; h) assistência médica; i) horários; j) uniformes;

As instalações complementares que servem para melhorar as classificações dos estabelecimentos são:

a) Ginásio; Piscina; Estádio (MARINHO, 1941, p. 63).

A Implantação Arquitetônica abaixo (Figura 3) representa todo o complexo escolar e a área esportiva do Colégio. Muitas exigências feitas pelo governo fizeram parte do projeto, como: o ginásio coberto, um campo de futebol, uma pista de atletismo olímpica, duas canchas de vôlei, cancha de basquete, duas caixas de salto em distância, duas caixas de salto com vara, além de arquibancadas para o público em geral. Ainda completam as instalações destinadas ao departamento de educação física do colégio mais duas piscinas e os vestiários masculinos e femininos⁸.

⁷ No período de 1937-1945 foram publicados pelo Ministério da Educação e Saúde a *Revista de Educação Física* e o *Boletim de Educação Física*, responsáveis pelas divulgações de normas e dados sobre a educação física, que segundo Magali A. Lima, tornou-se a voz oficial do governo. Vários artigos publicados foram escritos por Inezil Penna Marinho, um dos intelectuais da época responsáveis por criar normas, escrever e divulgar sobre o tema (LIMA, 1979).

⁸ O Relatório dos Serviços de Inspeção, apresentado em 1953 ao Diretor da Divisão de Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura, descreve detalhadamente o prédio destinado à Educação Física, as instalações, a área livre, o material desportivo (originais sob a guarda do Arquivo Público - Paraná).

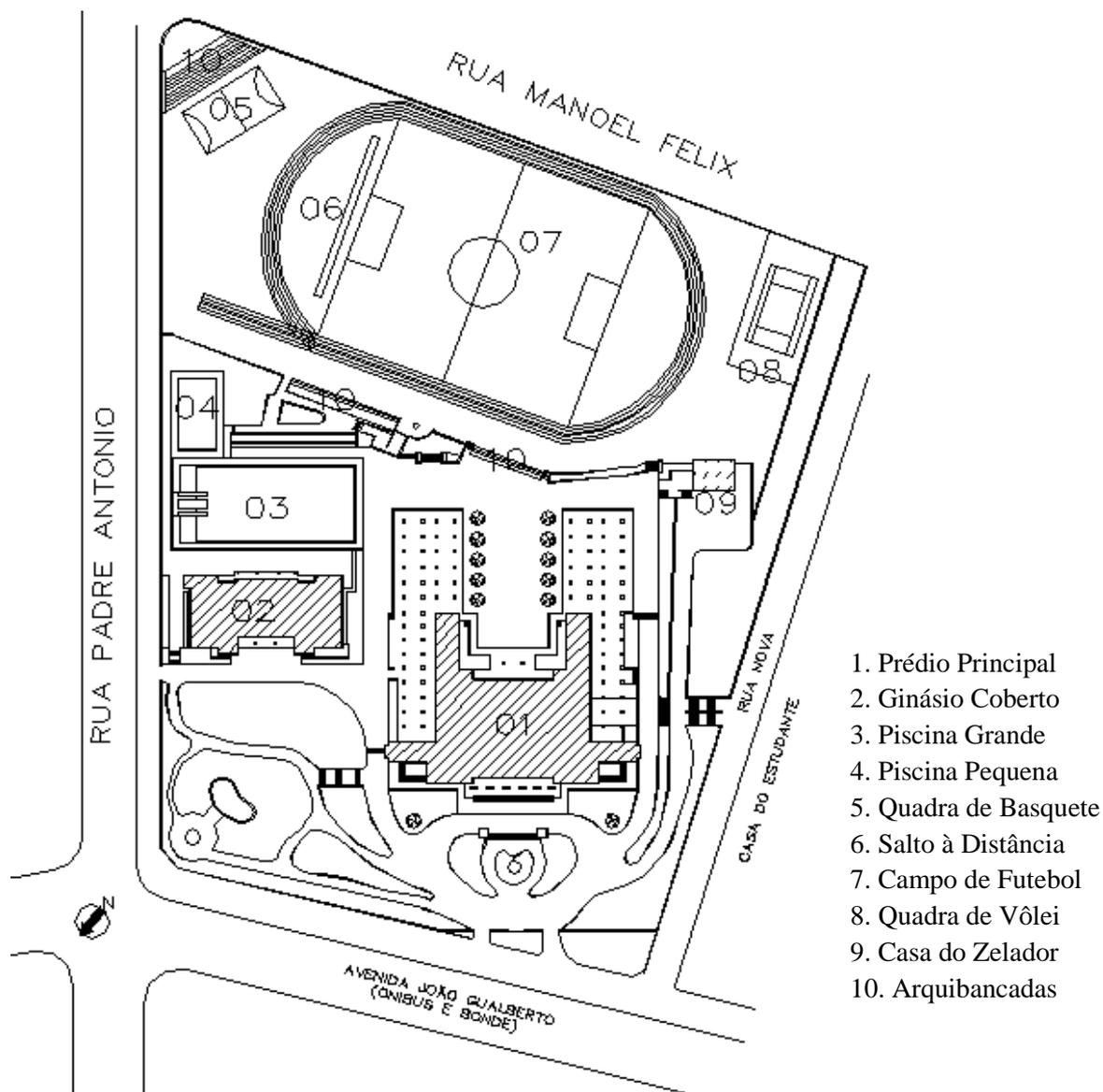


FIGURA 3 – PLANTA DE SITUAÇÃO DO COMPLEXO DO COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ (1950)

FONTE: Arquivo Público do Paraná

O jornal estudantil de 1945⁹ apresentava a obra do novo edifício com entusiasmo, e descrevia as áreas destinadas a práticas esportivas. O ginásio coberto, seguindo a arquitetura moderna do prédio principal, foi construído em dois andares e dividido em duas alas, uma masculina e outra feminina, com entradas separadas. Além da quadra de esportes, estava contemplada também uma sala de depósito de equipamentos, vestiários, sanitários, laboratórios, salas de troféus, sala para exames médicos e sala de professores.

⁹ Jornal do Colégio Estadual do Paraná – Órgão dos estudantes dos cursos ginásial e colegial. Ano 7. Curitiba, junho de 1945, n.35.



FIGURA 4 – FACHADA DO GINÁSIO DE ESPORTES.

FONTE: Acervo de Museu Guido Straube, 1950

O prédio interno foi executado em estrutura pré-moldada, técnica que facilitou a abertura de vão livre e a altura interna do mesmo. A área interna foi dividida entre área feminina e área masculina, e é equipada com ginásio para práticas de ginástica em dias de chuva, sanitários, chuveiros, e salas; no segundo andar há salas de professores, gabinete médico e salas para depósito.



FIGURA 5 – FOTO INTERNA DO GINÁSIO DE ESPORTES.

FONTE: Acervo de Museu Guido Straube, 1950

A implantação do complexo esportivo do colégio foi influenciada também pelas propostas pedagógicas da Escola Nova¹⁰. Fernando de Azevedo, em seu livro “Novos Caminhos e Novos Fins: a nova política de educação no Brasil”, defendia que os prédios construídos para o fim escolar deveriam atender todas as exigências higiênicas, condições de iluminação e ventilação, e também tornar-se “verdadeiros centros de saúde, aparelhados para a educação física que está na base de toda a educação” (AZEVEDO, 1931, p. 229) . Ainda para o autor,

... as necessidades escolares, como apropriadas a despertar o sentimento de beleza, pela sua arquitectura e decoração, e projectada para terrenos amplos em que haja lugar para campos de jogos, piscina, jardins e reservas de espaços livres. (AZEVEDO, 1931, p. 237)

Estes espaços citados por Azevedo fizeram parte da proposta para a construção do Colégio Estadual do Paraná. Destacaremos aqui a instalação de duas piscinas, uma para alunos aprendizes e outra especialmente construída para competições, com medidas oficiais e plataformas para saltos, sendo a única construção deste porte no Paraná por muitos anos.



FIGURA 6– VISTA DA PISCINA.
FONTE: Acervo de Museu Guido Straube, 1950

¹⁰ No Brasil, as ideias da Escola Nova foram introduzidas, em 1882, por Rui Barbosa (1849-1923). No século XX, vários educadores se destacaram, especialmente após a divulgação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932, como Fernando de Azevedo, Lourenço Filho e Anísio Teixeira (CARVALHO, 1998).

Pode-se afirmar que a instalação dessa instituição foi única em Curitiba até hoje, construída com toda a imponência e grandiosidade. Entretanto, embora projetada para servir de exemplo, não chegou a atingir as demais construções escolares realizadas no Paraná.

Considerações finais

Ainda hoje, é possível afirmar que a arquitetura e a configuração do prédio do Colégio Estadual do Paraná, o qual passou a ser valorizado e evidenciado como um *símbolo do progresso* educacional na cidade de Curitiba, é motivo de muito orgulho para os alunos, professores e para a população em geral.

A excelência da sua edificação ficou clara, assim como a importância dada ao ensino secundário. Criam-se espaços nunca antes projetados nas escolas públicas no Paraná, produzidos para *disciplinar e treinar* o aluno. Assim, a arquitetura moderna dos espaços para as práticas esportivas do Colégio Estadual do Paraná foi projetada para a educação da elite e tornou-se o símbolo da educação secundária na década de 1950 no Paraná.

MODERN ARCHITECTURE AND MODEL SPACES FOR PRACTICING SPORTS IN SCHOOL ENVIRONMENT: the case of the State College of Paraná (Curitiba, 1943-1950)

Abstract

This article is an analysis of the architectural language used in the construction of model spaces for sport practices. The example we will use is the morphology of State School of Paraná at the time of the inauguration of its new building in 1950. Among the highlights of its architectural syntax we draw attention to the sports complex, which comprises gymnasium, soccer field, Olympic running track, volleyball and basketball court, long jump and pole vault boxes, swimming pools, changing rooms for both sexes and bleachers for the general public. To analyze this language, we made use of documents from various public and private archives, such as photographs, architectural plans, drawings, legislation and articles of the mainstream press. The richness of this repertoire of documents prompted us to propose interpretations for the conjugation of a spatial grammar for schools with the language proposed by the modern architecture of the second half of the twentieth century.

Keywords: History of Education. Architecture of Schools. Material Culture of Schools.

Referências

ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna: Do Iluminismo aos movimentos contemporâneos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *A Arte Moderna na Europa: de Hogarth a Picasso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

AZEVEDO, Fernando. *Novos caminhos e novos fins: nova política de educação no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931.

BENJAMIM, Walter. *A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução*. In: *Os Pensadores: Textos escolhidos*, Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

CARVALHO, Marta M. C. de. *Molde moral e forma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira da Educação (1924-1931)*. Bragança Paulista: Edusf, 1998.

GAY, Peter. *Modernismo. O fascínio da heresia: De Baudelaire a Beckett e mais um pouco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GAZETA DO POVO, Curitiba, 31 de março, 1950.

GAZETA DO POVO, Curitiba, 30 de março, 1950.

GIEDION, Siegfried. *Espaço, tempo e arquitetura. O desenvolvimento de uma Nova Tradição*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

JORNAL DO COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ – Órgão dos estudantes dos cursos ginásial e colegial. Ano 7. Curitiba, junho de 1945, n.35.

KHAN, Hasan-Uddin. *Estilo Internacional. Arquitetura Modernista de 1925 a 1965*. Köln: Taschen, 2009.

LIMA, Magali Alonso. *Formas arquitetônicas esportivas no Estado Novo (1937-1945): suas implicações na prática de corpos e espíritos*. Rio de Janeiro: Funarte, 1979. 124 p.

MARINHO, Inezil Penna. *Exigências a que devem satisfazer os estabelecimentos de ensino secundário, quanto à Educação Física*. In: *Boletim de Educação Física*, nº 01, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941.

MARINHO, Inezil Penna. *O conceito bio-sócio-psico-filosófico da Educação Física em oposição ao conceito anátomo-fisiológico*. In: *Boletim de Educação Física*, nº 10, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941.

MUMFORD, Eric. *The CIAM discourse on urbanism, 1928-1960*. Cambridge: The MIT Press, 1998.

O DIA, Curitiba, 30 de março, 1950.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda; CHAVES JUNIOR, Sergio Roberto. Os espaços para a educação física no ensino secundário paranaense: um estudo comparativo entre os anos finais da ditadura varguista e os anos da ditadura militar brasileira pós 1964. *Educar em Revista*. 2009, n.33, p. 39-56.

PARANÁ. Decreto n.º 11.232, de 6 de janeiro de 1943a.

PARANÁ. Decreto n.º 11.914, de 17 de março de 1943b.

PARANÁ. Decreto n.º 1.983, de 31 de março de 1944.

PARANÁ. Mensagem; apresentada à Assembléia Legislativa do Estado por ocasião da abertura da Sessão Legislativa de 1949 pelo Senhor Moysés Lupion, governador do Paraná. Curitiba, 1949.

ROUANET, Sérgio Paulo. *As razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SCHWARTZMAN, S. BOMENY, H. M.B. & COSTA, V. M.R. A Reforma da educação. In: *Tempos de Capanema*. São Paulo: editora da USP, 1984, p. 173-203.

Recebido em: abril de 2011
Aprovado em: maio de 2011